

ENTREVISTA JOSÉ CARDOSO PIRES

«De Profundis, Valsa Lenta» (D. Quixote), onde José Cardoso Pires relata a terrível experiência do acidente vascular por que passou há cerca de dois anos, é um enorme sucesso de vendas, tendo já saído uma segunda edição de 15 mil exemplares. O escritor fala aqui ao DN da obra, da memória, de literatura e da ciência

«Há mais imaginação na ciência»

O autor de «De Profundis» descobriu que a memória é o bem mais precioso do homem e elogia «a carga humana» da ciência

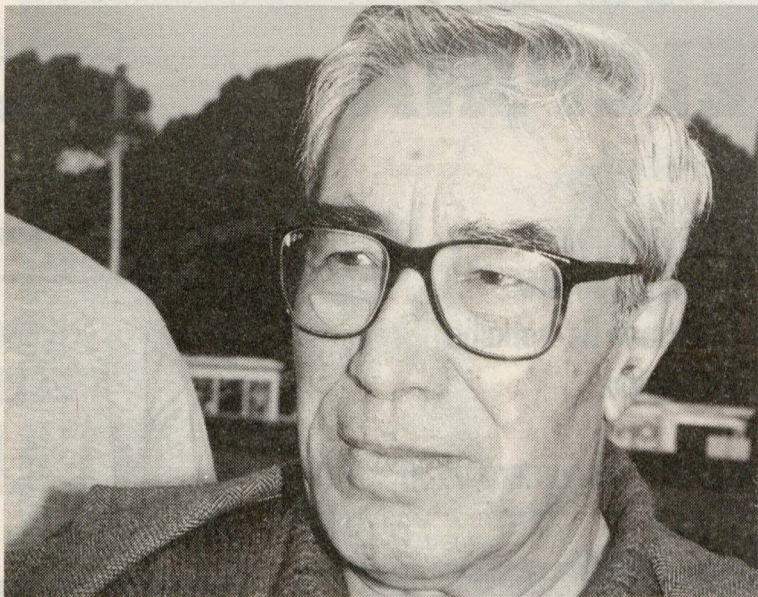
MARIA TERESA HORTA

DN – «De Profundis» é um livro terminal?

JCP – Não considero que seja um livro terminal. Digamos que *De Profundis* será, quando muito, na minha opinião, um espaço branco no meio da minha escrita, da minha obra. Eu nunca pensei escrever este relato, ou esta memória, não sei como posso chamar a este texto.

Porque o escreveu?

Em conversas que tive com o professor Lobo Antunes ele disse-me: «Você contou-me coisas que valia a pena que as relatasse.» Como ele escreveu no seu prefácio, «é escassa a produção literária sobre a doença vascular cerebral». E eu resolvi seguir o conselho.



ABDICAR. «Deixei de fumar mas não de beber, o que parece ser grave»

Foi fácil escrever sobre a sua doença?

Não, foi difícil, fi-lo sempre com grande receio, porque não tenho cultura médica, não tenho cultura científica para me estar a meter em terrenos que não me são próprios.

Este é um livro de ficção?

Não, não é. Antes dele tentei fazer um livro de ficção e depois pu-lo de parte.

Mas não é seu hábito escrever mais do que uma versão de cada livro?

É realmente meu costume escrever duas versões, no mínimo, de cada livro. Desta vez escrevi qualquer coisa como três versões deste texto.

Muito diferentes umas das outras?

Muito. Eu queria fazer uma coisa rigorosamente objectiva. E depois, do ponto de vista literário, que é o que me interessa particularmente, tentar fazer aquilo a que poderia chamar uma escrita branca.

E acha que conseguiu atingir essa escrita branca?

Bem, essa escrita branca foi sempre o meu sonho, uma escrita despojada, uma escrita substantiva tanto quanto possível.

Despojada de quê?

Despojada de barrocos, de advérbios. Como fez esse grande poeta, o João Cabral de Melo Neto, que me seduz pela sua escrita seca e descarnada.

Pode dizer-se que este é um livro de memórias?

Sim, uma memória da não memória. Não tenho uma boa definição para isso.

No texto você diz que fez uma viagem à não memória.

Uma viagem à desmemória, ao homem sem memória, e um homem sem memória é um homem perdido. Porque não tem afectos, ninguém pode gostar de alguém se não tiver memória.

Você perdeu igualmente as suas emoções?

Perdi as emoções, quase perdi a fala, a fala fica destroçada, perdi as relações, pois quando não se tem memória não se tem relações, quando se perde a leitura e a escrita fica-se impossibilitado de comunicar.

Mas não conta neste livro as memórias desse estado?

O que conto neste livro foi em grande parte o que me contaram, não foi imaginado.

Então, que referências é que teve quando escreveu «De Profundis»? Só o que os outros lhe disseram?

Há coisas que conto, que vivi, que me lembro delas, embora não sejam muitas. O ambiente, sim, lembro-me dele. A recordação que tenho é de uma brancura iluminada, as pessoas era vultos muito brancos. Suponhamos que podia haver sombras brancas... O que me ficou foi a brancura morna e bastante iluminada.

Portanto, não tinha, não havia identidade?

Totalmente. É isso que penso hoje. Quando andava naquilo sem saber, aparecia uma pessoa,

cumprimentava-me, eu olhava-a e nunca tinha conhecimento de quem se tratava. Mas assim que essa pessoa saía perguntava logo quem ela era. Eu queria entender quem eu era e uma das maneiras de o saber seria saber quem era o outro, porque através do outro tinha referências.

O facto inquietava-o?

Ah, não! Andei perfeitamente tranquilo, a sorrir para toda a gente. Eu, que não sou sorridente, como sabe, acho que nunca fui tão simpático.

Em que espaço é que se passa este seu livro?

Para mim aquele período todo não tem dimensões.

Logo, o seu horizonte era um horizonte vazio?

Sim, era um horizonte perfeitamente vazio, eu via as pessoas e as pessoas passavam por mim.

Com esta escrita pretendeu exorcizar isso tudo?

Não, com esta escrita descobri uma coisa em que nunca tinha pensado, é que o bem mais precioso do homem é a memória.

Mais do que inteligência?

Mais. A inteligência não pode existir sem memória. A memória é tudo, é a base do ser humano. Estou a dizer isto e nunca na vida li alguma coisa sobre a memória... Continuo tão analfabeto

«Do ponto de vista literário, tentei fazer aquilo a que poderia chamar uma escrita branca»

em coisas de medicina como dantes.

A memória será, pois, a grande descoberta deste texto?

É a grande descoberta que faço neste livro. Mas há também em *De Profundis* a descoberta de uma extraordinária gratidão pela ciência, pelos médicos, é por isso que o dedico a eles.

Tem uma grande admiração pela ciência?

Sempre tive. O Pessoa, Álvaro de Campos, compara o binómio de Newton à Vénus de Milo, eu não comparo, sem a Vénus de Milo podia passar.

Mas podia passar sem literatura?

Ah, isso é outra coisa! Eu percebo a pergunta, é correcta, porque isto dito assim é um bocado forte de mais, há comparações que não são justas. Mas, por exemplo, se me perguntarem onde há mais imaginação, se na ciência ou nas artes, responderei, sem dúvidas, que é sobretudo na ciência.

Pode dar um exemplo?

A imaginação das artes deu para o senhor Júlio Verne descrever a Lua, enquanto a imaginação da ciência deu para se ir à Lua e estar lá.

Mas a literatura inventa, prevê, vai à frente, não acha?

Uma das funções da literatura é não só «prever» o passado como prever o futuro. É aliciante por esse lado, mas como valor humano, como carga humana, a ciência ultrapassa-a.

A Bioacústica orgulha-se de apresentar em Portugal e em exclusivo, a mais recente prótese auditiva de sempre.

Tão pequena como uma simples ervilha.

BIOACÚSTICA
Instituto de Audiologia

Av. Oscar Monteiro Torres
nº45 - r/c • 1000 Lisboa
Tel: (01)7970900

Av. Fernão Magalhães,
nº481 - 1º esq • 3000 Coimbra
Tel: (039)38737

Rua da Boavista,
nº 856 - r/c • 4050 Porto
Tel: (02)6090040

ENTREVISTA JOSÉ CARDOSO PIRES

«Este livro pode ser lido como se fosse um policial»

A memória, em «De Profundis», é vítima de um crime, mas ele é «involuntário, inconsciente»

M. T. H.

Quando é que começou a escrever?

Recomecei um ano depois de estar curado. Durante muito tempo não tive vontade de escrever.

Teria medo?

Ao princípio tive medo, sim, tinha medo de voltar atrás. Dizem que as pessoas que tiveram esta experiência podem passar por ela outra vez, pois há tendência para ela reincidir.

O que há a fazer contra essa tendência?

Tudo aquilo que não faço. Deixei de fumar, mas não deixei de beber, o que parece ser grave. Mas eu não posso andar por aqui armado em ermita, não estou para isso!

Continua a ler muito?

Continuo, mas durante bastante tempo li pouquíssimo, era como se estivesse a sentir que gastava a memória. Estava a poupar-me.

Neste livro diz: «Fiquei analfabeto de mim e da vida»...

Exacto, eu não sabia nada de mim, não entendia nada que se passava à minha volta.

Também fala de si e do outro que era você. Que relação tinha com ele?

Eu não tinha consciência do outro quando andava por lá. Só quando voltei ao lado de cá é que verifiquei que tinha sido outro durante dias.

Antes disso não tinha identidade.

Não se reconhecia?

Não me reconhecia, não. Dizem que me olhava ao espelho, não me lembro nada, mas lembro-me de estar ao espelho a pentear-me com uma escova de dentes. Só que não era eu que me estava a ver ao espelho, eu apenas olhava e via uma pessoa que estava a fazer aquilo, e não achava nem bem nem mal.

Com este livro não pretendeu reforçar o seu regresso aos outros?

Olhe, o professor Lobo Antunes diz que eu tenho um cérebro optimista. Por acaso nunca me considere optimista, pelo contrário, sou até bastante pessimista, bastante céptico. O que aconteceu é

que quando uma pessoa regressa ao mundo dos vivos vem-lhe um sentimento de enorme felicidade, de bondade. Vem-lhe uma enorme alegria por estar vivo, por estar com as pessoas, *De Profundis* conta também isto.

Acha que há uma grande clivagem entre esta sua escrita e a dos seus outros livros?

Não. Eu penso que esta escrita, quanto a mim, foi procurada, porque o tema o impunha (estava a descrever uma paisagem branca e portanto impunha-se uma forma descolorida da escrita). Por outro

«Quando uma pessoa regressa ao mundo dos vivos vem-lhe um enorme sentimento de felicidade»

lado estava a descrever uma coisa extremamente perigosa, ela não podia ofender nem falhar rigorosamente no campo científico. Isso torna o livro muito mais sólido e faz com que o livro seja tão pequeno.

Curiosamente, falando todo o tempo da doença, «De Profundis» fala pouco da morte.

Talvez porque aquilo era uma morte amável... Quem estava a morrer era tudo à minha roda, as pessoas todas. Primeiro morreram para mim porque não tinha afectos, não as reconhecia e depois morriam elas próprias, no aspecto que lhes faltava uma pessoa de quem eram amigos, de quem eram familiares, com quem tinham uma relação profunda sentimental. Essas pessoas é que andavam a sofrer... A minha mulher, as minhas filhas, os meus amigos é que passaram maus bocados.

Estranharia se lhe dissesse que «De Profundis» pode ser lido como um livro policial?

Não acho mesmo nada estranho. Penso até que sim, que pode ser lido desse modo. É bem provável. Nele há um crime sobre a inteligência, sobre a memória.

Sim, mas é um crime involuntário, inconsciente. Porque para haver crime é preciso que haja consciência dele — é por esse facto que o doido é absolvido.

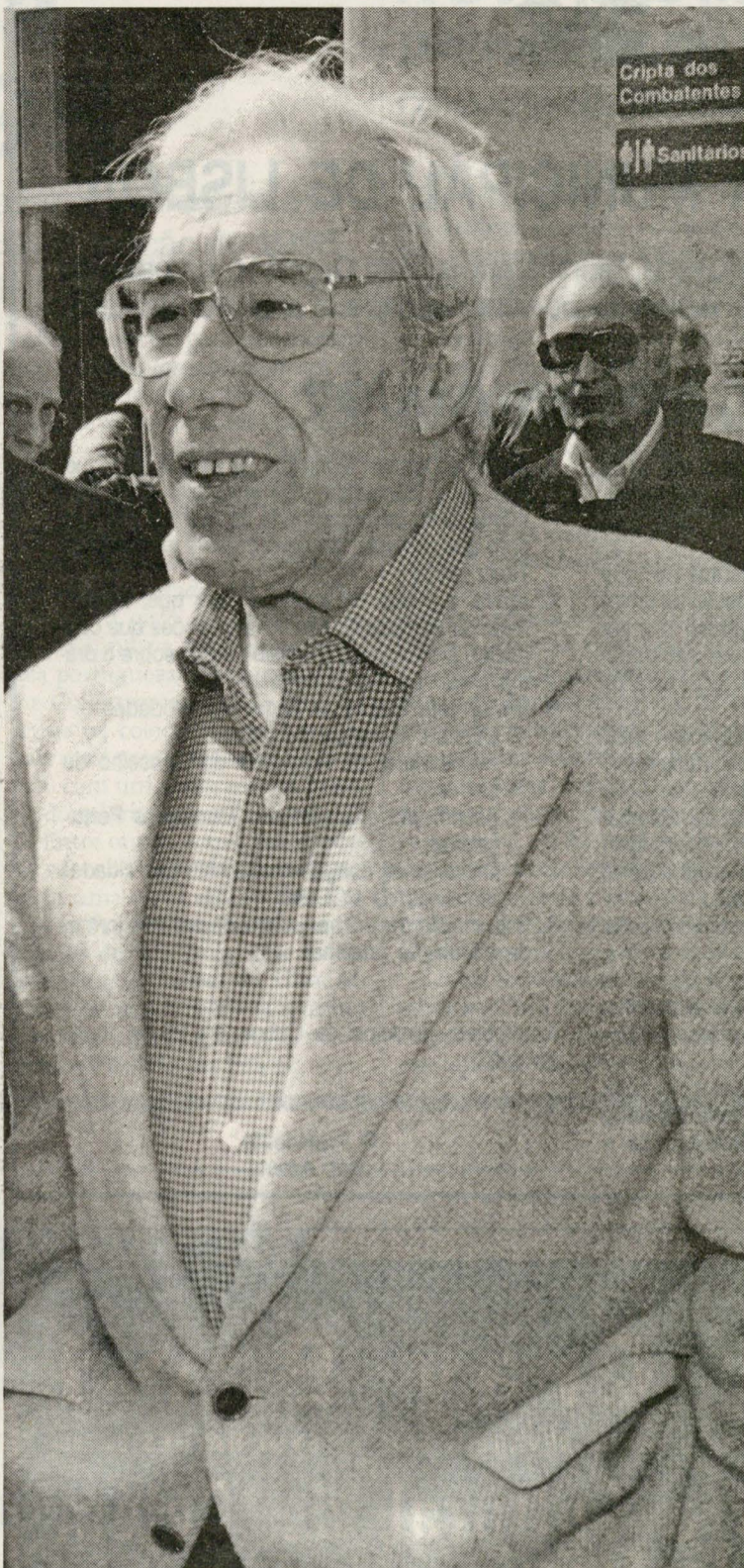
Durante o tempo em que esteve doente não manteve consciência de si, mas manteve, creio, as suas capacidades motoras?

Fica-se com muitas capacidades motoras, sem dúvida. Ele é capaz, inclusivamente, de tomar banho.

A enfermeira leva-o para o duche, depois diz, dispa-se lá, o tipo despe-se e em seguida ela abre o chuveiro e ele mete-se debaixo da água, depois a enfermeira puxa-o e o tipo sai.

Quando diz o tipo, quando diz ele, refere-se a quem?

Refiro-me ao outro. Ele é o outro, não sou eu. Ele é o tal outro de que falo neste meu livro.



ESCRITA. Aqui, ela foi «procurada, porque o tema o impunha»

A CARA DA NOTÍCIA



JOSÉ CARDOSO PIRES

Escritor
71 anos

José Cardoso Pires nasceu em Peso, Covilhã, no dia 2 de Outubro de 1925. Foi estudante na Faculdade de Ciências de Lisboa, mas trocou as matemáticas pela marinha mercante. Fez parte do primeiro grupo surrealista em 1947 e foi director do *Diário de Lisboa* entre 1974 e 1975.

O seu primeiro livro chama-se *Os Caminheiros e Outros Contos* (1949), mas foi com o romance *O Hóspede de Job* que em 1964 obteve o prémio Camilo Castelo Branco. Em seguida, e entre outros, publicou *O Delfim* (1968), *Dinossauro Excelentíssimo* (1972) e *A Balada da Praia dos Cães* em 1982, com o qual obteve o prémio da Associação Portuguesa dos Escritores e a partir do qual José Fonseca e Costa realizou um filme com o mesmo nome. Para o teatro escreveu *O Render dos Heróis* (1960) e *Corpo-Delito na Sala dos Espelhos*, em 1979. Há ainda que referir o tão belo mas tão esquecido *Histórias de Amor* e também *E Agora José?* (1978). *De Profundis*, *Valsa Lenta* vendeu dez mil exemplares em 15 dias, tendo saído já uma segunda edição de 15 mil exemplares.

ORQUESTRA SINFÓNICA PORTUGUESA

Grande Auditório do Centro Cultural de Belém
Sábado, 12 de Julho de 1997, às 21.30h

FELIX MENDELSSOHN

A Gruta de Fingal (Abertura)

GABRIEL FAURÉ

Suite Pelléas et Mélisande

JOSEPH HAYDN

Sinfonia N.º 92 Oxford

Direcção musical

VASCO PEARCE DE AZEVEDO



Centro Cultural de Belém

Fundação das Descobertas

Horário da bilheteira:

das 13.00h às 19.30h (incluindo Sábados, Domingos e Feriados)

Tel. 361 24 44

MC
Ministério da Cultura

Fundação de São Carlos

RTP
Radiotelevisão Portuguesa S.A.

PORTUGAL
TELECOM

Barco Comercial Português

José Cardoso Pires

De Profundis,
Valsa Lenta



FENÓMENO. «De Profundis» vendeu muito na Feira do Livro